



# GIL VICENTE

Semanário Monarchico e Regionalista  
(Litterario e Noticioso)  
Propriedade da Empresa "Gil Vicente",  
Redacção e Administração:  
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



VISITACÃO  
*Pardiez! siete arrepelones  
Me pegaron a la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascosnes  
VAQUERO*

Director e Editor: **D. Ribeiro.**  
Administrador: **J. M. Fernandes.**  
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse  
Rua de Santo Antonio, 133 e 135

## FALEMOS CLARO

Clamores cheios de justiça acompanhados de lágrimas, soltam-nos por aí, a toda a hora, aqueles que, como nós, precisamos de comer e de vestir-se sem que sejam ouvidos por quem de direito tem a obrigação de atender a todos os rogos, a todos os queixumes, que, a continuarem, não sabemos até onde irão.

Os poderes públicos não teem ouvidos que os oiçam, e a nossa Comissão de Subsistências, que não foi criada só para tratar do assucar, com o qual, segundo se diz, e é voz pública, tem praticado abusos que, sendo verdadeiros, bem se lhes pode chamar—inqualificáveis—, até agora nada tem feito de proveitoso em beneficio das classes trabalhadoras desta cidade e concelho mais parecendo dormir sobre um torrão de assucar—sonhando talvez no *feliz* ardo que o ha de possuir...

E' grave, mesmo gravissima esta questão, já velha questão das subsistências, que, por mais remendos e tombas que lhe deitem, nunca poderá dar resultados certos e seguros porque não ha mão de ferro que a resolva e que castigue os criminosos.

Respira-se precisamente porisso uma atmosfera que cheira a miséria e a cadáveres... A desumanidade é completa. O açambarcador—esse terrível e maldito parasita da seara humana—pululando por aí, por toda a parte, de tudo lança mão para reduzir o pobre á mais negra e misera situação.

Mata-nos a todos—pobres e remediados—sem dó nem piedade, com miragem no oiro, confiados sempre na impunidade das leis que os homens do regime parecem não ter força para as fazer cumprir incomodando-os sómente a maldita e nojenta questão politica como se esta fosse capaz de matar a fome ou servir para cobrir o corpo a tanto desgraçado. Chegam a ser cobardes! E tam grande é a cobardia que nem sequer dizem ao povo—espera! Justiça vai ser feita!...

Só se importam com a defeza da república, cada vez mais mecedora da nossa desconfiança e dia a dia, hora a hora tornada mais odiada e digna dos nossos ataques. Combatemo-la porisso mesmo, com a consciencia tranquila, cheios de convicção sincera, a mais íntima, a mais sagrada e isentos de vis interesses ou de paixões pessoais, que deprimem e desonram.

Já fomos republicano, confessamo-lo sem receio, e tam sincero que só viamos na república a salvação nacional. Defendemo-la muitas vezes de ataques que julgavamos injustos, mas infelizmente verdadeiros, dirigidos por quem tinha competência e o direito de o fazer. Eram feitos esses ataques por republicanos tidos por nós como *gameleiros* invejosos de comer á meza do orçamento. Enganamos! Vimos depois esses republi-

canos, desiludidos e maguados, abandonar a república e esquecê-la, e nós, atacando os, eramos injustos pois ela, que todos julgavamos uma virgem vestida de alvas e immaculadas roupagens mirando o futuro da Pátria, sem ódios nem intrigas e só cuidando do bem estar e da felicidade do povo português, saiu-nos tam feio bicho que o 5 de outubro será, na história, uma data a ensombrar as glórias cheias de grandeza da raça lusitana.

Fomos dos que também a abandonaram. Também o confessamos sem medo, sem receio. Mas ao abandoná-la, não seria justo calarmos-nos perante os seus crimes. Aqui estamos. Quem cala consente!

Hoje, somos monárquico porque a Monarquia é a Verdade e pela Verdade, como dizia João de Deus, «a gente se deve deixar matar». Praticá-la e defendê-la é uma Virtude.

E como escrevemos e praticamos a verdade, os nossos principios de maneira alguma inibe a nossa consciencia de reclamar de todos—republicanos e monárquicos—aquilo a que nos julgamos com direito e que tantissimas vezes nos é negado com o mais requintado descaramento que chega a ser um insulto lançado á face do povo. Lembrem-se uns e outros que por tudo sam responsáveis.

Somos duros? Paciencia. Não sabemos falar doutra forma. Há açambarcadores em todos os campos..., infelizmente. Mas enquanto os monárquicos sam apontados como tais, os açambarcadores republicanos gosam dos privilegios burocráticos que os poderes públicos consentem...

E a república, que despreza nobres exemplos, admitindo-os, tem inevitavelmente de admitir os açambarcadores monárquicos só nós tendo de lamentar estes por prosseguirem na mesma attitude. Venha o exemplo destes e os outros, os republicanos, terão de ceder terreno. Isto é lógico.

Mas não julguem que convidamos á desordem, não. Seria um crime, e nós somos contra o crime. Porém, não é justo nem tam pouco humano que em plena época de fartura, se faite ao povo com tudo inclusivé o pão que antes da educação é primeira necessidade do corpo.

E depois, o que mais custa e mais revolta o nosso espirito, é a maneira arrogante e satânica com que os novos ricos e açambarcadores se dirigem a quem, quasi a medo, precisa duma camisa e dum bocado de pão!

Teem frases tam absurdas e modos tam incorrectos os traficantes que a república consente, que a qualquer estranho que nos visite poderá parecer uso ou costume da nossa terra, desta tam nossa e tam linda terra que o regime estragou por culpa nossa e de muitos.

Falemos claro!

D. RIBEIRO.

## Cartas aos novos

IV

Mocidade de Portugal! Ouve. Escuta. Quero dizer-te duas verdades. Atende-me. O que digo é o que meu coração sente. Ele diz que a patria a que pertences, está prestes a morrer. A republica mata-a. Amas o teu paiz? Se lhe queres bem, como creio, lembra-te de que patria e republica não se podem harmonizar. A patria é o contrario de republica. A primeira pertencemos todos que amamos a tradição que para nós representa um passado de oito seculos de grandesa. E esses oito seculos de gloria, sam preenchidos pelos conquistadores que de espada em riste arrancaram ao mouro a terra em que vivemos; pelos batalhadores dos plainos de Tarifa que depois de cobertos de gloria, recusaram os despojos que a lei da conquista lhes garantia; por aqueles que com Nun'Alvares venceram em Aljubarrota e depois! oh depois! continuaram pelos seculos em fora a honrar a terra portuguesa, quer nas epopeias africanas com Mousinho, Couceiro e Enes, quer nos campos de Flandres morrendo sem um queixume porque a republica o quiz. Pertencem ainda á tradição lusitana, os feitos dos marinheiros que nas caravelas, nessas cascas de noz, que o vento da aventura balouçou no mar da lenda e dos monstros, colocaram nos mundos novos uma Cruz—a lembrar uma civilização e um padrão—a lembrar uma nacionalidade que nascera na madrugada milagrosa de Ourique.

Pertencem lhe Camões, e Gil Vicente na idade heroica de Quatrocentos, Santa Isabel e Filipa de Lencastre, as santas Mães que foram mulheres de reis. Pertencem-lhe todos os factos que os reis inspiraram, e que fizeram de Portugal uma nação que para não mais morrer lhe bastava contar na sua historia um rei—D. João II. Pois é deste passado que nós, os monárquicos, somos os arautos.

Guardamos nos corações nossos a lembrança de tudo isto e dispomo-nos, nesta cruzada contra os mouros da actualidade, a jogar a vida em defeza do idial que a Bandeira azul e branca simbolisa. E' com esse passado, onde tam belos exemplos se veem, que nós vamos alicerçar o futuro que edificaremos sobre os escombros que a republica vai amontoando. Não transigimos com ela. Declaramos-lhe guerra, mas guerra a valer, e para felicidade nossa e do paiz, ela não tem a defende-la o estoicismo dum João de Castro, nem a valentia de Albuquerque.

Votamo-la á morte e se para restaurar o país for preciso ir acordar aos tumulos os heróis de Portugal, nós lá iremos. Faremos como o adail de Azila, a invocar o espirito do rei africano para que amparasse o imperio portuguez nascente. Iremos ao mosteiro da Batalha e a João I diremos que acorde, á semelhança do que faziam os habitantes de Gôa junto ao tumulo do Leão do Mar, para acudir á Patria que a republica

perde. A republica não convém a Portugal. Ela é a causa de todo o mal estar que nos afflige. Ela é a responsável pelo descalabro financeiro a que chegamos. Ela é a culpada da anarquia em que vegetamos. Ela ensinou a fabricar bombas. Ela mandou gente para o açogue francez para ver se se firmava. Ela glorificou assassinos de reis. Ela chamou benemerito ao assassino de Sidonio Pais. Ela desbaratou o nosso patrimonio artistico. Baniu dos logares de responsabilidade, toda a moralidade e toda a honestidade. Não tem homens habeis. Não tem homens sérios. Ama a delação. Favorece o nepotismo. Alenta o desperdicio.

Que esperaes da republica? Porisso, novos, acordai para a luta. Luta legal contra a republica. Mostraí que sois do nosso tempo. Entrai na corrente reaccionaria que ha de levar Portugal ao apogeu de outr'ora. As republicas demagogicas, passaram. O seu tempo foi o seculo XVIII e XIX. Aquele em que vivemos é o seculo da ordem. E esta só é possivel na Monarquia. Novos! Monarquia e Ordem, seja o vosso lema. Monarquia e Religião sam as duas verdades eternas que nos obrigam a lutar. Causa-vos riso ver alguns jovens agarrados á republica! Sabeis o que eles nos fazem lembrar? Individuos que querem viver á custa do orçamento.

Mocidade, em frente! em frente! Para a Monarquia é que é o caminho. Deixai a republica, que ela é a morte. E' a ruina. E' o caos. E' a perda do paiz. Em frente! Em frente! Vamos para a luta?

AFONSO DE SERPA.

## S. Nicolau

Os briçosos moços academicos lá andam todos entusiasmados a fim de apresentarem este anno umas *Festas* que nada deixem a desejar ás dos antigos tempos.

Os chamados «velhos» também se preparam...

Domingo... domingo poremos tudo em pratos limpos...

Domingo desvendaremos o mysterio e romper-se-ha de todo o véo do segredo...

Vae ser uma *Festa* que ficará gravada nos annaes, como soe dizer-se em linguagem elegante e cheia de arrebiques!

Vae ser uma *Festa* de arromba, como diria o nosso bom povo! O Estatuto não deixa? O Estatuto é mau?

A *velhice* também tem direito a folgar, consente *Nicolau*!

Vá continuando, snr. padre Riz!

Vá continuando, que nós cá estemos!...

Não de maçaneta em punho, mas sim a recordar tempos idos e a estender a mão affectuosa e amiga...

Domingo... domingo... O segredo é alma do negocio e... das boas partidinhas...

D. Virgilio.

## REPAROS...

Coitado

O *solcito* correspondente do «Janeiro» saberá o que tem escrito a respeito do milho?

Talvez não. Sua excelencia tem escrito coisas que parecem dum *libartario*. Sua excelencia tem chamado os *povos* ao assalto ao proprietario. Mas porque será que sua excelencia não fala contra o sapateiro que leva 50000 (moeda monarquica e por consequencia portugueza) por um par de botas e 50000 por umas meias solas (para oito dias) e 25000 por umas gaspias? Porque não fala contra o mercieiro? Porque não fala contra o alfaiate? Nem contra o preço que o senhor Cosme nos leva por uma viagem a Braga nos seus arrebatados carros de carreira?

Misterios! senhor João de Deus que também é Pereira, Deixe o o pobre do proprietario que é o mais pobre no meio de tantos novos ricos. Defenda a ordem, senhor correspondente. Não se faça *libartario* que isso é feio. Sua excelencia, mesmo, não tem feito para isso.

Deitem tombas

Os que não são catolicos devem saber que a Igreja proibe aos seus ministros que acompanhem ao cemiterio qualquer individuo que morra afastado da Igreja.

Isto vem a proposito dumas acusações tôlas feitas ao reverendissimo prior de S. Sebastião, por uma gente que parece escrever com as patas. O senhor prior de S. Sebastião não acompanhou ao cemiterio o cadaver do tal policia de Gaia, porque este não era catolico. Nunca quiz saber da Igreja para nada. Recusou os sacramentos á hora da morte. Para que queriam os malcriadissimos acusadores do senhor prior, o acompanhamento catolico? Se não creem na eficacia das orações da Igreja, nem numa vida melhor, mais padre, menos padre, acrescenta alguma coisa a quem morre? Ora bolas, senhores libartarios, discutam e falem daquilo que sabem. Se nasceram para *bolar* tombas nas botas nossas, não se façam teologos, ouviram? Fraca é a mania de falar naquilo que não sabem. Se o mundo ha de ser reformado por patetas assim, então é melhor deitar-lhe fogo. Talvez as botas custem menos depois.

## CASA DAS NOVIDADES

Variada colleção de imagens, medalhas, oleographias religiosas e profanas. Papelaria e perfumaria. Profuso *sortido* de livros de piedade. Livros de pregação e apologetica em lingua franseça.

**PIMBA!**

Ora espera!... Foi... foi... ai que zanga, que não nos lembramos!... Que memoria a nossa!... Mas que coisa!... Como nós estamos hoje tão desmemoriados, santo Deus!... Será do queijo?... Mas nós não temos abusado attendendo ao preço exorbitante, 7500 o kilo, por que actualmente está aquelle artigo!...

Jesus! Jesus! Como nós estamos tão esquecidos!... Foi... foi... Ah! Lembra-me agora: Foi em maio do anno findo, que o actual correspondente do *nosso* «Janeiro», mandou dizer, para o importante diario portuense, o seguinte: «Pensa-se na construcção dum novo theatro.»

N'essa altura — agora já estamos bem lembrados — quando lêmos a noticia, rimos á bom rir, e aqui, nas columnas do nosso querido *Gil Vicente*, fizemos do caso uma tremenda e merecida chacota, por estarmos convictos de que não poderia ter realisação o projecto a que alludia o solicito correspondente.

Durante um ou dois dias falou-se no caso e discutiu-se a questão. Uns diziam com a cabeça que sim, que era facil, que bastava apparecerem á frente da empresa homens de valor, lealdade e merito, ou seja, de intelligencia, dinheiro e sobretudo verdadeiros amantes d'esta terra. Outros, porem, mais experientes e com mais lume no olho, não se occultavam de fazer um signal negativo com o indicador e acrescentavam: Que Guimarães era uma terra fidalga, hospitaleira, gentil, muito commercial e muitissimo industrial; uma terra com muitas virtudes e uns pequeninos defeitos... emfim, que era uma terra de boa gente, muito caritativa, muito esmolter, mas, infelizmente, muito, muito refractaria a tudo quanto dissesse respeito a melhoramentos e embelezamentos da cidade.

Edificios para Senados... restaurações de igrejas de *Reaes Collegiadas*... palacios para Associações Commerciaes... casas para Correios e Telegraphos... bairros operarios... parques em volta de Castelos... (que lindo devia ser!) e theatros, era tudo treta, chimera e phantasia!... Palanfrorios!...

Que era uma terra essencialmente conservadora, e tanto assim, que até fazia filé em conservar tudo como estava (se ao menos soubessem conservar!...) para que se um dia cá voltasse *D. Affonso Henriques*, o fundador da... da... (não te espantes, olha como fallas, engole, falla á moderna) e da nossa nacionalidade, *Elle* podesse dizer assim pouco mais ou menos:

O' Guimarães amiga!... Quanto te devo!... Tudo, tudo, tudo na mesma!... Tudo como quando *Eu* andava por aqui a saltar, a folgar, a bailar e a dar catanada de três em pipa ali nas veigas de S. Mamede!... Chega te a mim!... Assim!... assim!... «*Vem ao meu peito, ó terra do meu tempo!*»

Mas... que vejo!... Que vejo *Eu* a mais!... Casotos!... Mictorios tão altos!... Que diabo d'isto é aquillo?! Que porcaria é aquella, ó Guimarães!...

— A excellentissima Camara que *Vos* responde, *Real Magistade!* — Que disseste?!... Quem foi que teve a coragem de permitir que nas tuas ruas se construa semelhante porcaria?!... Falla!... desembucha!... não tremas!... nada recetes!...

— Foram os senhores vereadores, *Real Senhor!* — E quem são esses senhores?... São nossos conterra-

neos?... São filhos teus?... Dize, dize-me aqui, a mim só; aqui ao ouvido.

— Pega na tua lança!... Dá-me o guante e o montante, e vamos n'um arranco de sincero baírrismo contra os novos *sarracenos* que tentam fazer pouco de *Mim*, de ti e de todos os teus filhos que tanto te querem e extremosamente adoram!

A elles!... A elles!... Por *Mim*, por ti, pelo teu progresso Guimarães amigo!

— Perdão, *Real Senhor!*... As hostes inimigas são poucas... muito poucas... mas o nosso grande exercito está de braços crusados, e nós, ó por enquanto, estamos por baixo e podemos levar na cue, *Real Senhor e meu Augusto Amol!*...

— Na quê!... — Aqui, *Senhor!*... Aqui na clara-boial!...

— Isso não impede!... Quem vae á guerra dá e leva!... Compramos o nosso dever!... E que *ninguem* dê sorte, e que *ninguem* se arrufe ao ouvir este sentidissimo brado de bem justificada indignação!

Estes gritos, estes brados, estes clamores sinceros e puros, não tem por fim prejudicar interesses ou melindrar quem quer que seja, mas tão sómente impedir — Guimarães da minh'alma! — que os teus visitantes possam apedidar-te de mau gosto e que não sabes respeitar com ternura e carinho os teus gloriosos monumentos!

A elles! A elles como S. Tiago nos mouros!... O' Abel Cardoso!... O' José Pina!... O' vós todos que á linda e formosa deusa da Arte prestaes culto, amor e amizade!

«*Ponde, ponde, ponde,  
Ponde a vossa mão;  
Carregae com força  
Que tendes razão!*»

Vinde, correi em nosso auxilio! Vinde á terra de S. Damaso, de *Gil Vicente*, de Payo Galvão e de Sarmento!

Vinde á vossa, á nossa desditosa terra, combater os que consentem que junto ás tuas vetustas muralhas se construam casotos d'um ridiculo sem par!

Vinde, depressa!...

..... «*affastae-me esta affronta;  
Quem desaffronta os cous; a ti se desaffronta!*»

Olha o quinteto dos Zés como foje!... Olha o snr. Gaetano!... O snr. Jacintho!... O snr. Ledeiral!... O snr. Maria!... Olha o snr. Pinheiro vae na frente, é o que corre mais!...

Parecem o automovel do nosso amigo Oliveira a 60 kilometros á hora!

Ih! ih! ih!... Mas voltando outra vez á noticia do *Janeiro*:

A respeito de theatro tudo como d'antes, tres vezes nove vinte e sete!

Perdão! Tudo como d'antes não é bem!...

A nossa *Opera*, o nosso *Politheama*, passou ultimamente por um melhoramento que merece o mais rasgado elogio e sincero parabem.

Um abraço, pois, á direcção do theatro pela boa e util applicação que soube dar ao rendimento dos alugueis do mesmo.

Pensa-se n'um novo theatro em Guimarães!!!...

Um theatro como o de Braga ou como o de Santo Thyrsol!

Para quê?

Para ver exhibir a *Carpanta* e outras fitas quejandas?

Ora!... ora!... ora!...

*Carpanta!*... Muita força de *Carpanta!*... que a Arte e o bom Theatro espanta!

Joãosinho, rico João da minh'alma, aqui para nós, muito baixinho e muito em segredo, quem tinha razão? Eramos nós ou vossa

senhoria quando se fez echo d'aquella patranha?

Pimba! Caramboleil!... Triquela!

Gil.

Calçado de agasalho, camisolas, ceroulas e meias de lã,

na Casa Martins

Vida cara

**Reunem as classes operárias**

Conselhos e alvitres  
Deveres e direitos

Na séde dos Sindicatos Operários, reuniram, em assembleia pública, na sexta-feira, as classes operárias, numerosamente representadas.

Depois de algumas palavras proferidas pelo presidente dos Sindicatos, explicando o fim daquella reunião, usaram da palavra diversos operários, que verberaram áspera e exaltadamente o procedimento das autoridades locais e governativas por, até hoje, não tomarem as providencias que a questão das subsistências neste momento requer, resolvendo-a immediatamente.

A situação do pobre consumidor é cada vez mais affitiva motivada pela subida constante dos géneros de primeira necessidade.

O milho pelo preço que corre no mercado é carissimo; a batata vende-se por ai a 350 e 400 reis o quilo e o azeite, segundo nos informam, está por tam alto preço — 2800 — que, ainda que os salarios sejam elevados, difficilmente o pobre lhe poderá chegar.

Sabemos de familias compostas de 4 individuos que vão até 8 e que sam precisamente aquelas que auferem mais baixos salarios variando entre 1200 e 3000. Duma familia sabemos nós que tem cinco crianças que são sustentadas, vestidas e educadas pelo trabalho de duas senhoras que exercem a modesta profissão de costureiras. Afirmam-nos que só em pão gastam 12000 (4 quilos) diariamente que com azeite, feijão, lenha, renda de casa etc., não chegam 5 mil reis por dia!

Como esta, quantas? Realmente é para estranhar que no tempo da abundancia se chegue ao descaramento de vender os productos da terra por preços tam exorbitantes!...

A prudencia e o bom senso aconselham a todos serenidade e ás autoridades cumpre remediar quanto antes o mal enquanto é tempo porque os pobres, não medindo responsabilidades nem respeitando pessoas, podem praticar actos de desforço, que sam sempre lamentaveis e de consequencias funestas, que muito bem se poderão evitar se, da parte de todos, houver tino e prudencia.

Deve immediatamente proceder-se ao arrolamento dos géneros existentes no concelho e estabelecer-se por cada freguesia um celeiro que ficaria sob a responsabilidade da junta de freguesia.

Por sua vez, as classes organizadas, juntas de freguesia e regedores trabalhariam na organização do cadastro das familias; e, ao mesmo tempo que isto se fazia, delegados operários, proprietarios e lavradores, a Camara e a Commissão de Subsistências tratariam, em reunião conjunta e de comum acôrdo, de estabelecer os respectivos preços.

Seria esta a melhor plataforma de tudo se reconciliar para beneficio do bem público.

A questão não admite mais delongas. Trate cada um o melhor que souber e puder a fim de cessar e quebrar relutancias que exist-

tem, de ha muito, entre pobres e ricos.

E estes devem ser os primeiros a concorrer para a harmonia geral sacrificando um pouco, se necessário fosse, os seus interesses monetários.

Excessos sam sempre condenaveis; e nós, desde já, os previmos se providencias radicais não forem tomadas.

O sr. administrador, que recebeu convite para assistir á citada reunião, não compareceu nem se fez representar.

Devia comparecer; e, se tanto fosse preciso, seria mesmo bom que junto das classes reunidas fizesse sentir o seu modo de ver dando conselhos que sempre se tornam úteis e indispensaveis... Isto sem politica.

E' do nosso dever aconselhar as classes reclamantes a serem menos aggressivas contra pessoas muitas vezes inculpadas nesta tam grave questão e a serem tambem mais prudentes na forma de atacar pois a questão das subsistências a todos interessa: monarchicos, republicanos e socialistas estavam na reunião. Pelo que nos toca, aqui afirmamos o nosso desgosto por vermos a questão embulhada com bolschevismo.

O sr. administrador pede-nos para darmos publicidade ao edital que fez afixar e distribuir pela cidade.

Embora sejam boas as suas intenções, não nos parece que dê boa *farinha*...

Ele aí fica:

«*Sendo a principal função duma autoridade da república manter por uma bem equilibrada e oportuna acção de previdência o principio da ordem publica; e não podendo, como é obvio, assegurar-se eficazmente a ordem nas ruas quando á mesa dos lares pobres mingua o pão de cada dia, queremos porisso apelar mais uma vez para as qualidades de ponderação e de prudência dos senhores proprietarios no sentido de ver assegurado á população menos abastada e nomeadamente ás classes trabalhadoras o milho necessário para o seu consumo.*»

Havendo é certo o govêrno da República estabelecido o livre trânsito das mercadorias e simultaneamente eliminado o tabelamento dos géneros, não podem todavia tais medidas justificar o desaforo insólito da alcateia dos regatões, porquanto o espirito da lei apenas autoriza o *comércio leito*, o que não é, não pode ser de modo algum, o uso e abuso dessa mercancia de que resulta a escassês e a alta dum produto — o primeiro da alimentação pública.

A quem, pois, aproveite a letra dêste edital pedimos que nos ajude a fazer a defeza da ordem publica; tanto bastando para isso que todos, produtores e consumidores, não nos alheiemos das responsabilidades inerentes á hora critica que a velha sociedade atravessa, opondo-lhe como remédio ou mera previsão do futuro um pouquinho de — amor do próximo.»

Domingos Ribeiro

Tipografo e director do *Gil Vicente*.

JÁ CHEGARAM

**Capotes Alentejanos**

(os melhores agasalhos)

Remessa directa de fabricante de Evora.

Fazem-se por medida. Vejam o mostruario da

**Casa Martins**

Largo do Dr. Sidonio Paes

**Raioceinios**

A ignorância, quando não é uma virtude, serve de estímulo aos maiores atrevimentos elevados ao rubro pelo scepticismo. N'ella se encontram não só falta de educação, que evita o respeito pelos credos de cada um, mas tambem a falta d'escrupulos na affirmacão de heresias de que se não tem profundo conhecimento.

Os scepticos amesquinham o Catholicismo, uns, para satisfazerem vaidades, caprichos ou conveniencias proprias, outros por absoluta ignorancia dos mais rudimentares principios da Religião Catholica. Estes, que são um grande numero infelizmente, votam um odio implacavel ao sacerdocio porque no sacerdocio está a base d'um formidavel monumento que os esmaga á «outrance», porquanto irradiam luz de conhecimentos evidenciando a verdade sob todos os aspectos. Aquelles, que são um reduzido nucleo d'audaciosos, parias das multidões, insufflam nos animos desprecaivos o veneno da subversão fallando-lhes ao sabôr dos instinctos, para se aguentarem no baloço da popularidade. E, firmados nos erros de maus sacerdotes, fazem d'elles seu cavallo de batalha, pretendendo ferir a religião com os defeitos dos seus adeptos (d'ella).

Como, porem, o Catholicismo é o solio da moralidade universal e um adêcto para as propensões naturaes do homem, differenciando-o dos irracionais, e o Monarchismo o seu pedestal, combatem-nos conjugados, desvirtuando a verdade e prometendo prebendas, que é a unica forma de momentaneamente triumpharem.

— D'aqui nascem as republicas.

S. Thomé,  
Outubro de 1920.

VIRGILIO MARQUES.

**Do estrangeiro...**

De Inglaterra recebemos, hontem, a carta que em seguida publicamos.

London, 10 | 11 | 20.

Meu care Gil:

*Desejar a voce muita sauda. Pessoa de mim estar boa e sempre bem disposta, sempre muita bem disposta, apesarre de ter pouca dinheirra.*

*Ter lida seu artiga que voce publicar no Gil Vicente a respeito mictorris. Achar muita graça. Jorge V, lords e misses tambem rir muito, multe e mandar vestes para pessoa de voce.*

*Apresso-me a escreverre a voce para mandar a mim, logo que greve termina, todas objectas que ahi ter comprada. Que venha toda muita bem acondicionada e segura contra todas os riscas.*

*Não esquecerre, tomarre bem note!*

*Adeus té um dia, té mais verre...*

Muita sua amigue

Bull.

**Ros nossos leitores**

Recomendamos aos seus queridos bemfeitores a intelligente menina Olinda Santos, que, com a morte de seu extremoso pai — o 1.º sargento-musico Santos —, ficou privada de recursos monetários para concluir os seus estudos na Escola Normal de Braga, que findam no anno lectivo de 1920-1921.

Qualquer donativo que nos seja enviado será entregue áquella futura professora, bem digna do auxilio das almas bem formadas.



Anniversarios

Durante esta semana fazem anos as Ex.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup>:

- Dia 15—D. Maria Tereza de Barros da Rocha Carneiro.
- » »—D. Maria José Zaráo Antunes de Castro.
- » 18—D. Violanta de Barros.
- » 19—D. Helena Soto Maior Felgueiras Cardoso de Menezes (Margaride).
- » 20—D. Maria José de Souza Correia d'Almada (Viamonte da Silveira).
- » »—D. Lucia de Sequeira Braga Leite de Faria.

E os Snrs.:

Dia 18—Dr. Dr. Antonio Coelho da Mota Prego.

—Parabens.



Por Guimarães

Padre Ramos

Sufragando a alma do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Padre Manoel Ferreira Ramos, regente artistico do «Orfeão de Guimarães», este excelente grupo coral, manda resar hoje pelas 12 horas, na capella de S. Domingos, uma missa a que assistirão os orfeonistas, sendo celebrante o Rev.<sup>mo</sup> Maia dos Santos.

No final d'este acto religioso, irão os orfeonistas em homenagem ao cemiterio, afim de se proceder á collocação d'uma lapide no tumulo que encerra o cadaver do seu chorado amigo.

Nomeação

Foi nomeado thesoureiro interno da Fazenda Publica, d'este concelho, o nosso estimado amigo snr. Antonio Vieira de Andrade, a quem por tal motivo enviamos as nossas felicitações.

Luiz Antonio Pereira

Regressou a Lisboa com sua Ex.<sup>ma</sup> familia, o Snr. Luiz Antonio Pereira, amigo e protector da nossa encantadora serra da Penha.

Dr. José de Barros

Concluiu a sua formatura em direito, este nosso dedicadissimo correligionario, de quem a nossa terra muito tem a esperar pois o novo licenciado em sciencias juridicas alia a uma intelligencia rara um caracter primoroso.

Os nossos sinceros parabens.

Enlace

Em Aveiro, consorciou-se na passada quarta-feira, 10 do corrente, o nosso querido amigo, sr. Julio de Meireles Noronha, habil empregado da Agencia do Banco de Portugal, nesta cidade, com a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Serra e Costa, prendada filha do nosso presado amigo, snr. Henrique Pe-

reira da Costa, e irmã do tambem nosso amigo, snr. Augusto Serra e Costa.

Aos recém-casados, que pelos seus dotes d'alma e coração bem merecem um futuro repleto de felicidades, enviamos os nossos parabens, desejando-lhes ao mesmo tempo uma perenne lua de mel.

Deve realizar-se por todo o mez de Dezembro proximo, o enlace matrimonial da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Lucilia da Rocha Freitas, gentil filha do nosso estimado amigo Snr. José de Freitas Soares, negociante na praça do Porto e sobrinha do tambem nosso amigo Snr. José de Freitas Costa Soares, commerciante desta cidade.

Aos noivos e em especial á Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Lucilia, enviamos affectuosos parabens, fazendo ardentes votos para que a felicidade lhes sorria n'um futuro alegre e venturoso.

Escola Industrial

E' sempre grato ao nosso sentimento de vimezanenses que prezamos a nossa terra, registar que a nossa Escola Industrial conta, no presente ano lectivo, 254 matriculados, nas diversas disciplinas alli professadas.

Sinceramente felicitamos o nosso presado amigo snr. Abel Cardoso, illustre director d'aquelle estabelecimento de instrucção, o qual, estamos certos, deve sentir-se satisfeito, dando por bem empregados os esforços que tem emvidado pelo progresso do ensino industrial no nosso meio, e a especial attenção que este assunto lhe merece.

Oxalá a sua suprema aspiração seja, em breve, um facto, instalando a Escola Industrial de Francisco de Holanda no seu edificio do Proposto, com as officinas em laboração.

Padre Paulo Ferreira

Já vimos completamente restabelecido dos seus incomodos que o retiveram de cama durante algum tempo, o nosso bom amigo e zeloso sacerdote, snr. P.<sup>e</sup> Paulo Gonçalves Ferreira, digno capellão do Hospital da Misericordia, desta cidade.

Folgando em vê-lo restituído á sua preciosa saude, cumprimentamo-lo affectuosamente.

Exame

Concluiu brilhantemente o curso de preparatorios na Universidade do Porto, o nosso amigo, Snr. Isaias Vieira de Castro, filho do Snr. José Joaquim Vieira de Castro, conceituado negociante desta praça e nosso presado correligionario.

Parabens.

Quando?

Quando será que a nova Comissão de melhoramentos da Penha começa os seus trabalhos?

Dar-se-ha o caso de não ser ainda desta vez?

Nascimentos

Teve ha dias o seu bom successo, dando á luz uma criança do sexo masculino, a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria da Madre Deus Pereira Mendes, dedicada esposa do snr. Manuel Martins Fernandes, negociante desta cidade.

Teve tambem a sua *délivrance* dando á luz duas meninas, a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Anna Candida da Cunha Machado, estremosa esposa do snr. Manuel da Cunha Machado. Parabens.

Padre J. L. Caldas

Partiu para Coimbra, onde vae continuar os seus estudos, o nosso presadissimo amigo, snr. Padre João Luiz Caldas, distincto jornalista e nosso estimado collega de redacção.

Viva! Viva!

Os proprietarios dos cafés já abateram um vintém ao lucro.

Muito bem! muito bem!

Os nossos cumprimentos aos apreciadores da saborosa bebida, que para nós ainda é muito forte...

Por causa do nervoso e da bolsa gostamos d'elle mais *brandinho*... a quatro vintens e sendo um para a gorgeta do creado.

A seis vintens ainda é forte, ainda é Moca e o assucrinho já desceu.

E ha-de descer mais. Olé se ha-de!...

Comissão de recenseamento

Ficou assim constituída a comissão de recenseamento militar para 1921:

Domingos Leite Correia Azenha, Carlos Abreu, Domingos José Pires e José de Freitas Neves Pereira. Substitutos: Antonio José Pereira Rodrigues, Luiz Augusto de Pina Guimarães, Amadeu José d'Almeida e Camillo Laranjeiro dos Reis.

Para vogal do lançamento de taxa militar foi nomeado o vereador, Snr. José Ladeira Guimarães.

ANNUNCIO

(1.<sup>a</sup> Publicação)

**Sociedade comercial que entre si fazem Manuel Teixeira, Gaspar da Costa Pereira, Antonio Joaquim da Silva e Marino da Silva, todos desta cidade, em 22 de Outubro de 1920.**

No ano de mil novecentos e vinte, aos vinte e dous dias do mez de Outubro, nesta cidade de Guimarães, na rua de Francisco Agra e cartório do notário da comarca Bacharel Antonio José da Silva Basto Júnior, perante mim o seu ajudante, em exercício, João Evangelista Neves de Almeida, e as testemunhas idoneas adiante nomeadas e no fim assinadas, compareceram: como primeiro outorgante, Manuel Teixeira; como segundo, Gaspar da Costa Pereira, ambos proprietários; como terceiro outorgante, Antonio Joaquim da Silva, industrial, todos tres moradores na rua de S. Torcato; e como quarto outorgante, Marino da Silva, industrial, da rua de D. João I, todos quatro ca-

sados, desta cidade e pessoas cuja identidade reconheço.

E por elles foi dito: Que, pela presente escritura, constituem uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, de que ficam sendo sócios, e que será regida pelas clausulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.<sup>o</sup>— Esta sociedade adopta a firma «Teixeira, Silva & C.<sup>a</sup>, Limitada», e fica com a sua sede nesta cidade e o seu estabelecimento na dita rua de S. Torcato, numero sete a treze.

2.<sup>o</sup>— O seu objecto é o exercicio do comércio de pentes, calçado e cutelarias e qualquer outro artigo que se resolva explorar.

3.<sup>o</sup>— A sua duração é por tempo indeterminado e para todos os efeitos o seu começo se contará desde o dia de hoje.

4.<sup>o</sup>— O capital social é de doze mil escudos, em quatro quotas iguais, sendo, portanto, de trez mil escudos a quota de cada um dos sócios.

5.<sup>o</sup>— As quotas de todos os sócios são em dinheiro e estão inteiramente realizadas, tendo já entrado na caixa social, as respectivas importâncias.

6.<sup>o</sup>— O capital social poderá ser aumentado com qualquer importancia em dinheiro, créditos ou outros bens, sendo feita a respectiva subscrição por um ou mais sócios, ou mesmo por pessoa estranha, conforme depois a sociedade resolver.

7.<sup>o</sup>— A cessão e a divisão das quotas ficam dependentes do expresso consentimento da sociedade, manifestado em titulo autêntico ou autenticado.

8.<sup>o</sup>— Não obstante o que fica estipulado no artigo precedente, a cessão total ou parcial de uma quota a favor de qualquer sócio e a divisão de quotas por herdeiros dos sócios, não carecem de autorisação especial da sociedade.

9.<sup>o</sup>— No caso do falecimento ou interdição de algum dos sócios, os seus herdeiros ou representantes, tomarão o lugar do falecido ou interdito e exercerão, em comum, os direitos deste, emquanto a respectiva quota estiver indivisa.

10.<sup>o</sup>— A sociedade será representada em juizo e fora d'elle, activa e passivamente, por todos os sócios, que ficam sendo gerentes. Para que fique obrigada basta, porém, que os respectivos actos sejam assinados em no-

me da sociedade pela maioria dos mesmos sócios.

§ único — Os gerentes são dispensados de caução.

11.<sup>o</sup>— Posto que a gerencia incumba aos quatro sócios, a superintendencia em todos os serviços internos nas officinas, será exclusivamente exercida pelo sócio Gaspar da Costa Pereira.

§ 1.<sup>o</sup>— A officina de pentes será dirigida pelo sócio Manuel Teixeira, a cargo do qual fica a caixa.

§ 2.<sup>o</sup>— A officina de calçado será dirigida pelo sócio Antonio Joaquim da Silva.

§ 3.<sup>o</sup>— A officina de cutelarias será dirigida pelo sócio Marino da Silva, a cargo do qual fica a escrituração.

12.<sup>o</sup>— Os balanços fechar-se-hão em trinta e um de Dezembro de cada ano.

13.<sup>o</sup>— Os lucros liquidados que resultarem do balanço anual, deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, emquanto este não estiver realizado, ou sempre que fôr preciso reintegrá-lo, serão divididos pelos sócios em partes iguais.

14.<sup>o</sup>— Por conta dos seus lucros, cada um dos sócios poderá receber mensalmente da caixa a quantia de cem escudos para os seus gastos pessoais.

15.<sup>o</sup>— As reuniões da sociedade serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com antecedencia de trez dias.

16.<sup>o</sup>— Nos casos omissos regularão as disposições do direito applicavel e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Assim o outorgaram e reciprocamente aceitaram, do que dou fé. O selo devido na importancia de dezenove escudos e cincoenta centavos, será no fim pago por estampilhas fiscaes. Foram testemunhas presentes Fernando Augusto Machado, solteiro, maior, escrevente, da rua de Arcela, desta cidade e Francisco Ferreira, viuvo, proprietário, desta rua, os quais esta escritura assinam com os outorgantes e comigo notário ajudante, depois de ser por mim lida em voz alta na presença de todos. — Manuel Teixeira, Gaspar da Costa Pereira, Antonio Joaquim da Silva, Marino da Silva, Fernando Augusto Machado, Francisco Ferreira.

O notário ajudante,

João Evangelista Neves d'Almeida.

